

Um
mundo de
oportunidades

V.4 2026

AGRO INSIGHT



Institucional

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Presidente da República

CARLOS HENRIQUE BAQUETA FÁVARO

Ministro de Estado da Agricultura e Pecuária

IRAJÁ REZENDE DE LACERDA

Secretário-Executivo do Ministério da Agricultura e Pecuária

GUILHERME CAMPOS JÚNIOR

Secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS GOULART

Secretário de Defesa Agropecuária do Ministério da Agricultura e Pecuária

LUIS RUA

Secretário de Comércio e Relações Internacionais do Ministério da Agricultura e Pecuária

MARCELO NARVAES FIADDEIRO

Secretário de Inovação, Desenvolvimento Sustentável, Irrigação e Cooperativismo do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLOS ERNESTO AUGUSTIN

Assessor Especial do Gabinete do Ministério da Agricultura e Pecuária

CARLA MADEIRA GONÇALVES SIMÕES DOS REIS

Chefe de Assessoria Especial de Comunicação Social do Ministério da Agricultura e Pecuária

Elaboração, distribuição, informações:

Ministério da Agricultura e Pecuária

Secretaria de Comércio e Relações Internacionais

Departamento de Promoção Comercial e Investimentos - DPR

Coordenação-Geral de Gestão dos Adidos Agrícolas

Endereço: Esplanada dos Ministérios, Bloco D - 3º andar, Sala 300

CEP: 70043-900 Brasília - DF

Tel.: (61) 3218-2821 e-mail: divulgacao.scri@agro.gov.br

Editorial:

Priscilla Burmann

João Huguenin

Coordenação:

Luís Rua

Augusto Billi

Carolina Eufemia Aquino de Sá

Ângela Pimenta Peres

Jennifer Santos Costa

Jennya Silva Brito

Equipe Técnica:

Rodrigo Lopes de Almeida

Eduardo Sampaio Marques

José Guilherme Tollstadius Leal

Caio César Simão

Luciana Pich Gomes

Juçara Aparecida André Dokonal

Eduardo Magalhães

Silvio Luiz Rodrigues Testaseca

Glauco Bertoldo

Nilton Antônio de Moraes

Alessandro Fidelis

Rodrigo do Espírito Santo Padovani

Leandro Diamantino Feijó

Jean Felipe Celestino Gouhie

Clóvis Augusto Versalli Serafini

Tiago Charão

Priscila Rech Pinto Moser

Rafael Mohana de Carvalho Refosco

Vanessa Medeiros de Jesus

Ana Lúcia de Paula Viana

Fabiana Villa Alves

Virgínia Arantes Ferreira Carpi

Roberto Carlos Papa

Carlos Turchetto

Fernanda Mascarenhas Magalhães

André Okubo

Dalci de Jesus Bagolin

Ellen Elizabeth Laurindo

Luna Lisboa

Frederique Abreu

Andréa Moura

Warley Campos

Márcio Rezende Evaristo Carlos

Marco Túlio Santiago

Luiz Cláudio de Santana e Caruso

Lucas Fiuza

Ana Carolina Miranda Lamy

Diego Leonardo Rodrigues

Marcelo Cláudio Pereira

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total, por qualquer meio, se citada a fonte e o sítio da Internet onde pode ser encontrado o original (www.gov.br/agricultura).

Catálogo na Fonte

Biblioteca Nacional de Agricultura – BINAGRI

Resumo

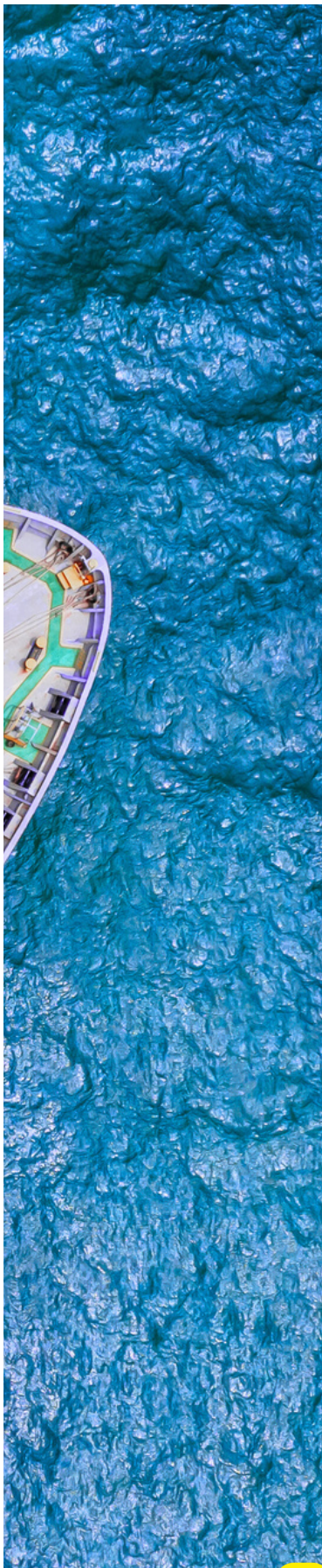


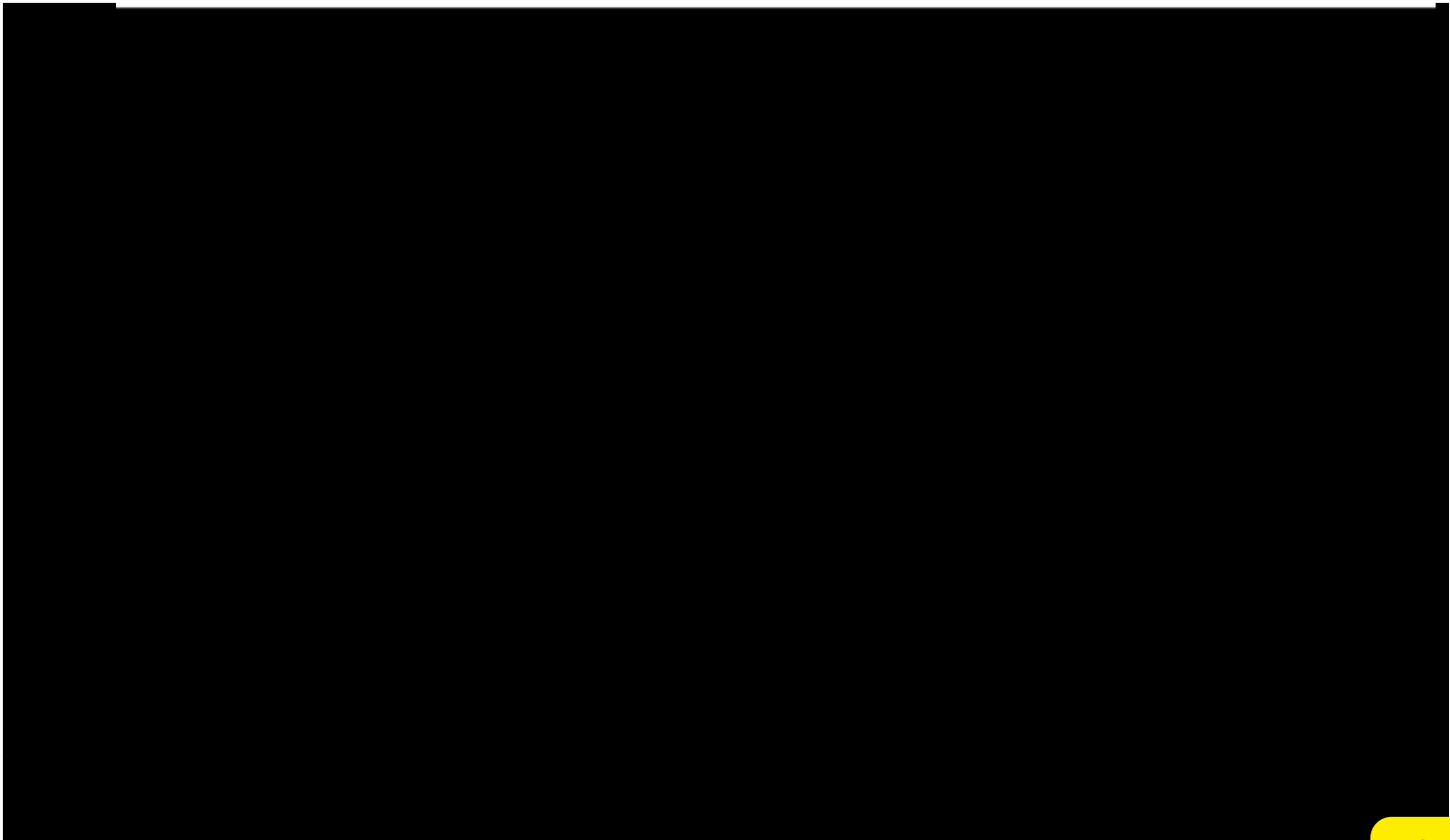
O AgrolInsight nasce do compromisso do Ministério da Agricultura e Pecuária com o fortalecimento da presença do agronegócio brasileiro no mercado internacional.

Desenvolvido pela Secretaria de Comércio e Relações Internacionais (SCRI), com apoio dos adidos agrícolas presentes em 38 países, o material reúne análises estratégicas e oportunidades de negócios para produtores, exportadores e associações setoriais que buscam crescer de forma competitiva e sustentável.

Com base nas diretrizes do ministro Carlos Fávaro e sob a liderança do secretário Luis Rua, o AgrolInsight é resultado do esforço de uma equipe dedicada que acredita no potencial do Brasil como potência agroexportadora.

Este relatório é mais do que um compilado de dados — é uma ponte entre o agro brasileiro e o mundo.





MERCADO DE MILHO EM GRÃOS NO EGITO

Data: 13/04/2026

Posto: Cairo/Egito

Palavras-chave: milho; milho em grãos; exportação; Egito; ração; mercado; oportunidades

Responsável: Rafael Mohana de Carvalho Refosco

SUMÁRIO:

O mercado egípcio de milho em grãos apresenta oportunidade comercial robusta e, sob vários indicadores, estrutural para o Brasil. Há forte dependência importadora e consolidação recente do produto brasileiro; adicionalmente, o relatório oficial mais recente do USDA revisou para cima as importações egípcias de milho em 2025/2026 e projeta novo avanço em 2026/2027, o que reforça a perspectiva de demanda externa sustentada. Como a tarifa de importação não parece ser o principal gargalo, a competitividade brasileira depende sobretudo de preço posto, regularidade de oferta, previsibilidade logística, padronização de especificações e disciplina documental. Oportunidades concretas concentram-se nos grandes compradores privados de ração, nos grupos avícolas integrados e no segmento de moagem úmida, que absorve volumes expressivos de milho. Em paralelo, seguem relevantes os riscos associados a câmbio/divisas, competição de outras origens e eventuais ajustes regulatórios ou operacionais no Egito.

INTRODUÇÃO

O milho é insumo central para as cadeias de ração animal, em especial avicultura, bovinocultura e aquicultura, além de servir à moagem úmida e a usos industriais. No caso egípcio, o produto tem importância estratégica para a segurança de abastecimento de proteína animal e para segmentos industriais dependentes de amido e derivados.

Para o Brasil, o Egito já deixou de ser mercado apenas potencial e passou a figurar como destino relevante e recorrente. Houve uma forte expansão das vendas brasileiras desde o ano de 2024 — sugerindo-se que a agenda comercial deva se concentrar mais na defesa e ampliação de participação, com foco em relacionamento com compradores-chave, estabilidade de embarques e inteligência comercial contínua.

Escopo

SH	DESCRIÇÃO SH
1005	Milho
100590	Milho, exceto para semeadura

Mercado de milho no Egito

Produção e demanda

A produção egípcia de milho foi de 6,7 milhões de toneladas na safra 2025/2026, afetada por calor excessivo, pressão de pragas e custos de insumos, embora com algum ganho de produtividade por hectare em áreas mais tecnificadas. O relatório anual mais recente do USDA mantém a estimativa de 6,7 milhões de toneladas para 2025/2026 e projeta recuperação moderada para 7,0 milhões de toneladas em 2026/2027, associada ao uso de híbridos mais produtivos e a um melhor manejo fitossanitário.

Mesmo com esse ajuste positivo, a produção doméstica segue insuficiente para cobrir a demanda interna. Segundo o USDA, o milho amarelo local cobre menos de 40% da necessidade da indústria de ração, mantendo a dependência estrutural de importações. Em outras palavras, a janela para o exportador brasileiro decorre menos de uma quebra episódica de safra e mais de um déficit recorrente entre oferta local e consumo.

O vetor central de demanda continua sendo a avicultura. O USDA projeta crescimento do consumo de milho no Egito para 16,9 milhões de toneladas em 2025/2026 e 17,4 milhões em 2026/2027, impulsionado pela expansão do setor avícola, maior disponibilidade de insumos para ração e melhora relativa do acesso a divisas. Em formulações típicas de ração avícola no país, o milho amarelo responde por aproximadamente 70% da mistura energética.

Além da ração, a moagem úmida constitui demanda industrial relevante. Segundo o USDA, o segmento egípcio de moagem úmida consome entre 1,0 e 1,5 milhão de toneladas de milho por ano, operado por cinco empresas principais, sendo que um único grupo concentra mais de 70% do mercado. A elevada concentração sugere que poucos interlocutores podem representar volumes expressivos de compra.

Importações, fornecedores e posição do Brasil

O Egito responde por 4,3% das importações mundiais de milho e ocupa a 6ª posição entre os importadores globais do produto, o que confirma a escala do mercado. Em termos mais recentes, o USDA revisou a estimativa de importações egípcias para 10,2 milhões de toneladas em 2025/2026 e projeta 10,5 milhões em 2026/2027.

A trajetória recente favorece o Brasil. Em valor, o milho brasileiro ganhou espaço de forma expressiva: no total importado pelo Egito sob SH 1005, a participação do Brasil passou de cerca de 29,9% em 2023 para 50,1% em 2024 e 58,7% em 2025. No mesmo recorte, a Ucrânia perdeu peso relativo e a Argentina permaneceu como concorrente relevante, porém distante da liderança brasileira em 2025.

No agregado dos últimos cinco anos comerciais, o USDA identifica o Brasil como principal origem do milho importado pelo Egito, com 19,9 milhões de toneladas, à frente de Ucrânia (11,7 milhões) e Argentina (9,5 milhões). Trata-se de sinal claro de consolidação comercial, e não apenas de vendas oportunísticas.

Políticas comerciais

Tarifas de importação

Tarifas de importação para milho no Egito (abril de 2026)				
Código SH	Descrição	Tarifa padrão (NMF)	Acordo Mercosul - Egito	Tarifa atual, calculada após redução tarifária*
1005	Milho	0%	Categoria A	0%

* Os produtos enquadrados na Categoria A do ALC Mercosul-Egito gozam de isenção da tarifa de importação alfandegária desde a entrada em vigor do Acordo em 2017.

Do ponto de vista tarifário, a tarifa NMF é de 0% para SH 1005 no Egito. O milho está enquadrado na Categoria A do ALC Mercosul-Egito, portanto sem ganho preferencial efetivo adicional ao exportador brasileiro. Assim, a disputa comercial ocorre predominantemente em preço, qualidade, logística, financiamento e confiabilidade operacional, e não em vantagem tarifária.

Exportações brasileiras de milho para o Egito

Código SH6	Descrição SH6	2022 (US\$ FOB)	2023 (US\$ FOB)	2024 (US\$ FOB)	2025 (US\$ FOB)	2026 (US\$ FOB)*
100590	Milho, exceto para semeadura	1.069.772.373	402.213.330	1.103.321.184	1.550.608.029	367.729.131

Fonte: Comex Stat (MDIC) (<https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>) (dados parciais até março de 2026).

Estrutura de mercado e canais de entrada no Egito

A estrutura de compras do milho no Egito tende a ser predominantemente privada e concentrada em poucos centros de demanda: fábricas de ração, grupos avícolas integrados, operadores da moagem úmida e tradings com capacidade de internalização e distribuição. Para o exportador brasileiro, isso significa que o acesso ao mercado depende de mapeamento fino de compradores recorrentes e da capacidade de sustentar embarques regulares, mais do que de ações promocionais genéricas.

Oportunidades para o Brasil

- Demanda estruturalmente importadora: mesmo com alguma recuperação produtiva, o Egito continuará dependente de volumes externos superiores a 10 milhões de toneladas por ano no curto prazo.
- Vantagem já construída pelo Brasil: a agenda comercial é de consolidação e aprofundamento de market share, não de entrada do zero.
- Espaço em compradores de grande porte: a concentração da moagem úmida e da cadeia de ração cria possibilidade de ganhos de escala com poucos interlocutores.
- Competitividade apoiada em execução: com tarifa zerada, o diferencial brasileiro está em preço posto, confiabilidade logística, padrão de qualidade e cumprimento documental.
- Diversificação de risco para o importador egípcio: a volatilidade geopolítica e logística de origens concorrentes reforça o valor de um fornecedor previsível e de grande escala.

Riscos e pontos de atenção

- Maior competição de outras origens, inclusive retomada de embarques norte-americanos e eventual recomposição da oferta ucraniana.
- Sensibilidade do ritmo de importações à disponibilidade de divisas, ao custo do frete e às condições de pagamento no mercado egípcio.
- Necessidade de rigor documental e operacional no desembaraço, inclusive quanto a exigências aduaneiras, sanitárias e de registro aplicáveis no momento do embarque.
- Concentração de compradores: a relevância de poucos grupos amplia a importância de relacionamento comercial e gestão de risco de contraparte.

Conclusões

- O mercado egípcio de milho em grãos permanece estratégico para o Brasil porque combina déficit estrutural de oferta doméstica, crescimento do consumo de ração e escala importadora elevada.
- Os dados recentes indicam que o Brasil já alcançou posição de destaque e, em valor, assumiu liderança clara entre os fornecedores do Egito em 2024/2025.
- Sem margem tarifária preferencial relevante, a sustentação dessa posição dependerá de competitividade comercial e excelência operacional — sobretudo em preço final, previsibilidade de embarques, especificações e documentação.
- Para o MAPA e para a atuação da Adidância Agrícola, a prioridade prática é apoiar a preservação das condições de acesso, monitorar requisitos oficiais egípcios em sua versão vigente e aprofundar interlocução com os principais demandantes privados do país.